

# O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIADO PELA LITERATURA E PELO CINEMA

Cláudio Roberto da Silva, FUPAC e E.E. Escola Tubal Vilela da Silva,  
[claudio.rds@uol.com.br](mailto:claudio.rds@uol.com.br)

**Resumo:** O presente trabalho pretende apresentar uma atividade realizada com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental, da E. E. Tubal Vilela, sobre as possibilidades de interação entre História e Literatura e História e Cinema. O desejo, aqui, é o de observar como os conceitos de História e Literatura se aglutinam na construção de um texto ficcional, a partir de leituras de autores que dialogam com essas duas áreas do conhecimento, assim como a História pode ser ensinada, “levando” o cinema para a sala de aula. Para o desenvolvimento da proposta, foram trabalhados trechos de importantes obras da Literatura Brasileira e Mundial, quer sejam: *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos e os filmes *O Menino do Pijama Listrado* (2008) e *Os últimos dias de Getúlio* (2014).

**Palavras-chave:** História, Literatura, Cinema

## Introdução

A Historiografia, nos últimos tempos, tem sofrido transformações e lançado novos olhares sobre os objetos de sua análise, sobre questões antes consideradas resolvidas. Diálogos incipientes são abertos com outras áreas do saber e, mais fortemente, com a Literatura. Interessante pensar que essa aproximação da História com a Literatura não ocorre em um sentido único: é uma via de mão dupla. Os estudos literários contemporâneos também reconsideraram seus paradigmas e deles nasceu uma busca por esse diálogo epistemológico com a História.

Nas últimas décadas do século XX e no início deste novo milênio, é possível observar o crescimento da discussão em torno da questão de a narrativa histórica conter elementos ficcionais. Alguns historiadores, colocando-se em uma situação-limite entre arte e ciência, admitem que seus relatos podem prescindir de elementos ficcionais e abordagens literárias, sem deixar de lado, contudo, a metodologia histórica no estudo de suas fontes. Dialogando com a História, os críticos literários voltam também seu interesse para o contexto em que as obras ficcionais foram e são produzidas, contexto este que contribuirá para elucidar o significado íntimo e profundo da obra.

É certo que História e Literatura apresentam traços característicos. A divergência fundamental é que uma se propõe a trabalhar com fatos e a outra, com a ficção, muitas vezes, recriando esses fatos, além de objetivarem funções diferentes: a História tem compromisso com a objetividade enquanto o compromisso da Literatura se pauta, sobretudo, na subjetividade. Independente das diferenças, historiografia e narrativa de ficção são formas de conhecimento do mundo, que permitem questionar as “verdades”, tanto nas histórias — contidas por trás das obras literárias, ditas ficcionais — quanto na História, como discurso científico de natureza oposta à ficção.

Quando essa relação se concretiza, o historiador passa a “ler” suas fontes não só amparado pelas verdades estabelecidas como únicas e incontestáveis, mas também por uma gama de saberes interdisciplinares que o levam a conceber a realidade por outros ângulos, saberes estes que se entrecruzam com a Literatura e sua ficcionalidade em obras cujo enredo reflete de tal forma a realidade de uma época, servindo àquele como respaldo histórico, a saber, os romances de Machado de Assis, como retrato da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX.

Esse caminho trilhado pelas possíveis aproximações entre Ciência e Ficção sugere a criação de um novo termo: a terceira margem da História. Fazendo alusão a essa suposta margem, encontramos na Literatura um conto, escrito por Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, que nos serve como alegoria para tal situação.

As narrativas históricas, assim como as de cunho literário almejam retratar as experiências do homem ao longo do tempo. A História tem um compromisso com os fatos interpretados, já que devem produzir verossimilhança na sua representação narrativa acerca do passado. Assim, esclarecendo ao leitor os caminhos — métodos e procedimentos — que percorreu para descortinar o passado, o historiador reconstrói as verdades históricas. Já pela Literatura, podemos acompanhar o desenrolar de narrativas de experiências pessoais em contextos históricos que muito contribuem para o esclarecimento das ações e das trajetórias das personagens. Para White, “a distinção mais antiga entre ficção e História, na qual a ficção é concebida como a representação do imaginável e a História como representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o real comparando-o ou equiparando-o ao imaginável.” (2001, p.115).

Considerando as narrativas históricas e literárias, um dos pontos de convergência entre esses dois tipos é a forma pela qual os acontecimentos são apresentados. Em ambas, existem elementos que lhes conferem um caráter de verdade, em maior e menor grau respectivamente, tornando-as coerentes e plausíveis. O que ainda pode ser considerado como fator de diferenciação entre as duas formas narrativas, seria a pretensa imparcialidade atribuída ao relato histórico, enquanto, na narrativa ficcional prevalece a liberdade de recriação, caracterizada, na maioria das vezes, por uma parcialidade evidente e intencional.

Na obra *História. Ficção. Literatura*, Luiz Costa Lima (2006) nos esclarece que não conseguimos separar totalmente as narrativas historiográficas das ficcionais, [...] “isso porque optando por dizer a verdade do que foi, a História não se desvencilha, radicalmente, do que poderia ter sido” (2006, p.385). A História, portanto, não se pauta apenas na reconstituição dos acontecimentos, como também os recria; na reconstrução do real, o historiador permite-se partir de sua imaginação, em um diálogo com a Literatura, caracterizando tanto esta quanto aquela como representações sociais.

Considerando que o cinema apresenta um grande potencial para o aprendizado, sua utilização como ferramenta pedagógica possibilita a visualização de interpretações de eventos históricos, permitindo aliar os conteúdos estudados às versões apresentadas pelos diferentes meios audiovisuais.

Ao ser levado para a sala de aula, o cinema auxilia o professor a aprofundar as características do período em que determinados fatos históricos ocorreram, apresentando-se como importantes fontes históricas visuais. Faz-se importante ressaltar que ao lançar mão do estudo de um período através de uma obra cinematográfica, o professor precisa ficar atento, pois mesmo constituindo-se de documento, de uma importante fonte histórica, um filme deve ser analisado em todos os aspectos que a tela reproduz, considerando-se as possíveis intenções políticas e comerciais presentes na obra.

Ao inserir o cinema no estudo de um determinado tema, o professor deve considerar que já existe um conhecimento histórico prévio adquirido pelos alunos a respeito do assunto a ser abordado. As aulas de história tornam-se, portanto, uma grande oportunidade para a utilização de filmes que possuem um contexto histórico, pois estes

facilitam a compreensão do assunto estudado, além de estimularem debates e ampliarem o conhecimento sobre um assunto.

Neste sentido, o filme vai além de um documento histórico, cabendo ao professor avaliar, antes da exibição, importantes aspectos contidos na produção, a exemplo, o contexto histórico presente, a região geográfica onde o enredo se desenrola, a forma como os personagens são retratados, o produtor e o diretor da obra, sua origem, o contexto em que a obra foi produzida e, principalmente, se o mesmo foi produzido por motivações políticas, econômicas ou ideológicas. Ainda é importante informar aspectos gerais do filme, como duração, prêmios, outras produções realizadas pelo autor, mas sempre tomando o cuidado de não fazer interpretações ou julgamentos antes da exibição, deixando para o espectador a realização da sua leitura.

Ainda cabe ao professor observar que algumas situações devem ser evitadas ao usar o vídeo, a exemplo, usá-lo frequentemente em situações inesperadas, como na ausência de um professor ou em qualquer outra situação emergencial, pois a estratégia — tanto aos olhos do aluno quanto aos da comunidade escolar — perde seu rico valor didático-pedagógico e pode ser vista como tão somente o preenchimento de uma lacuna; exibir vídeos que não tenham relação com os conteúdos estudados, pois retira do aluno a oportunidade de um uso produtivo do tempo disponível para a aula; usar exageradamente o vídeo em suas aulas, pois diminui a sua eficácia, empobrece as aulas e inibe a opção de outras dinâmicas; exibir o vídeo e não realizar nenhuma discussão ou integração com os assuntos estudados.

## **Metodologia**

A década de 1930, no Brasil, marca o “encontro” de dois homens que se transformariam em referências para o país: Getúlio Vargas, que governa como Presidente da República e Graciliano Ramos, que se consagra como um grande escritor.

Traçando uma linha cronológica do desenrolar de alguns momentos da vida política de Vargas, identificamos a vitória do movimento revolucionário que atribui a ele o comando do governo brasileiro, em 1930; a instituição do Governo Constitucional, em 1934; as vitórias sobre as tentativas de tomada de poder pelos comunistas, em 1935; o endurecimento do regime varguista e a instituição do Estado Novo, em 1937, quando

implanta a ditadura mediante o fechamento do Congresso e a suspensão das garantias individuais. Ainda é relevante considerar que nos primeiros anos da década de 1940, assistimos à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial justamente contra os países cujos governantes inspiravam as ações de Vargas.

Oposto ao poder soberano desse Presidente, encontramos Graciliano Ramos, numa condição de “sujeito ordinário”, que se torna alvo da situação em virtude da manifestação de seus pensamentos contrários ao sistema vigente. Este se vale da posição de intelectual e, através dos seus escritos, escreve e publica a sua obra como arma de resistência às relações de poder presentes no cotidiano que permeia o corpo social da época.

Em *Memórias do cárcere*, portanto, Graciliano Ramos trabalha o intercâmbio com a História, quando usa sua escrita para registrar as memórias de um momento crítico, numa relação conflituosa que estabelece com a realidade brasileira, nos anos de 1930. Suas lembranças, de caráter subjetivo, se refletem na tessitura da obra ao relatar fatos presumivelmente verdadeiros, portanto, de caráter mais objetivo. Contudo, o registro não se pretende historiográfico. Não basta tentar compreender onde Graciliano e *Memórias do Cárcere* se “inserirem”. Esta atitude desconsideraria a genialidade deste grande escritor e o seu importante papel para a Literatura.

A partir da ideia estabelecida por Luiz Costa Lima sobre hibridismo, identificamos, em *Memórias do Cárcere*, a presença de duas naturezas que se mesclam, evidenciando esse conceito: escrevendo, pela Literatura, um romance de memórias, podemos, também, nele perceber a História à medida que Graciliano expõe um momento real do passado que não se limita a analisar a si próprio e a seu comportamento, mas ao de outras pessoas que viveram situações semelhantes à sua. Numa linguagem literária, com a presença de aspectos da vida pública do período conhecido como Era Vargas, o autor, também narrador e personagem, representa não apenas a experiência vivida por ele, bem como, através desta, recompõe o painel de uma época, revelando aspectos, muitas vezes, não alcançados pela historiografia.

Visando ilustrar o governo de Getúlio Vargas, sugeriu-se o filme *Getúlio*, que concentra os últimos dias do seu governo, em agosto de 1954, no Palácio do Catete, Rio de Janeiro. Com lançamento em 1º de maio de 2014 — ano em que se completaram 60 anos da morte de Getúlio Vargas — *Os últimos dias de Getúlio*, segundo o roteirista

George Moura, é “uma história que fala do poder político, do lado público do Getúlio e também dos seus momentos íntimos”.

A vida de Getúlio Vargas, retratada pelo cinema e pela televisão —segundo o colunista Marcelo Perrone, em publicação na Segunda Coluna do *Jornal Zero Hora*, em 08/07/13 —, mostra o gosto do então Presidente do Brasil pela sétima arte, fazendo uso desta como ferramenta educacional e, sobretudo, como veículo de propaganda, embora tenha presença discreta como personagem de ficção nos filmes brasileiros.

Ainda nesse viés, relacionando o período que compreende os anos de 1930 a 1945, no Brasil, com os governos totalitaristas na Europa, nessa mesma época, sobretudo, o regime nazista na Alemanha, instituído por Adolf Hitler, foi proposta a exibição do filme *O Menino do Pijama Listrado*. O enredo apresenta a história da amizade entre Bruno, filho de um comandante da elite nazista, diretor de um campo de concentração, e Schmuél, um menino judeu prisioneiro neste campo, a fim de retratar a questão do Holocausto e dos Campos de Concentração, usados por Hitler como forma de perseguição e extermínio dos judeus.

Partindo da possibilidade de intercambiar o estudo da História com outras áreas do conhecimento, no caso, a Literatura, além de lançar mão de trechos da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, presentes no livro adotado para o nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Tubal Vilela da Silva, realizamos, *a priori*, a contextualização histórica — Era Getúlio Vargas, Comunismo, perseguições implantadas pelo governo dessa época —, em que a referida obra de Graciliano Ramos se insere. Em seguida, detalhes importantes da vida do autor foram relatados aos alunos, em uma exposição dialógica e interativa. Finalmente, fizemos a leitura dos trechos contidos, seguida de uma análise da obra em questão. A atividade foi realizada durante as aulas de História nas três turmas do nono ano, que compreendem, aproximadamente, trinta e cinco alunos cada uma.

Previamente à exibição do filme *O Menino do Pijama Listrado*, foram repassadas algumas informações gerais sobre os mesmos, mas sem antecipar a interpretação.

Após a exibição, foram propostas as seguintes atividades, desenvolvidas oralmente e, posteriormente, em forma de produção de texto:

— Que história é contada (reconstrução da história)?

- Como é contada essa história?
- Quais cenas mais lhe chamaram a atenção? Justifique.
- Que ideias são transmitidas pelo filme?
- O que contam e representam os personagens?
- Qual modelo de sociedade é representado no filme?
- Quais valores são negados ou afirmados na trama?
- Caso fosse possível, o que você mudaria no enredo do filme?

## **Resultados**

Considerando, assim, a possível relação entre as duas áreas do conhecimento, buscamos apontar que a História também se pauta no imaginável e no ficcional, permitindo ao historiador lançar mão de obras literárias como fontes significativas de pesquisa.

Logo, o uso do cinema em sala de aula é uma experiência muito gratificante, pois permite ao professor levar para o cotidiano escolar novas linguagens, a forma como a sociedade se organiza em um determinado tempo e espaço, bem como atrair, ludicamente, os alunos para importantes assuntos, enriquecendo a relação de ensino e aprendizagem.

## **Considerações finais**

A proposta de um trabalho intercambiando a História e a Literatura, não foi o de estabelecer diferenças entre as duas áreas do conhecimento, mas, sobretudo, observar como as duas se fazem presentes na construção de um texto, seja ele histórico ou literário, tentando estabelecer e entender tais relações, a partir de leituras de autores que dialogam com as referidas áreas do conhecimento. Ao fazer uma reflexão acerca dessa relação, podemos constatar o fator ficcionalidade nos textos históricos, levando-nos a perceber que o historiador não é o único detentor da verdade, mas alguém que consegue alcançar a verossimilhança.

Consideramos ainda que, a Literatura pode mesclar seus conhecimentos com outros campos do saber, como o da História. E esse entrecruzar produz o

enriquecimento de ambas. À medida que se realiza essa interseção, há mais troca e mais possibilidade de crescimento e de reflexão para o crítico, para o leitor, para a sociedade. A exibição, em sala de aula, de filmes relacionados a fatos e contextos históricos, desde que devidamente problematizados — o professor necessita criar situações que permitam ao aluno conceber a atividade como uma nova metodologia do processo ensino/aprendizagem —, tem forte potencial educativo e contempla propósitos didáticos interdisciplinares.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças**. 3. ed. São Paulo: Companhia, 1994.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da Educação, 2001.

LIMA, Costa Luiz. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOCELLIN, Renato. **Projeto Apoema história 9**. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

**O Menino do Pijama Listrado**. Direção: Mark Herman. Autor: John Boyne. 2008

**Os Últimos Dias de Getúlio**. Direção: João Jardim. Copacabana Filmes. 2014

PERRONE, Marcelo. Tony Ramos vive Getúlio Vargas no filme "Os Últimos Dias de Getúlio". Zero Hora, 08/07/13. Segundo caderno/notícia. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs>. Acesso em: 30 de ago. de 2017.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 45. ed., Rio de Janeiro: Record, 2011.

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. *In: Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WHITE, Hyden. O fardo da História. *In: Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 2001.